

O FUNCHAL NA LITERATURA DE VIAGENS
(em textos de italianos, franceses e de um castelhano)

Ana Isabel Moniz

Thierry Proença dos Santos

Estava-se nesse ponto, quando, no limiar do séc. XV, se descobriu a utilidade da bússola e quando os portugueses, motivados pelas vitórias contra os mouros em África, foram pela costa ocidental dessa parte do mundo abaixo e descobriram a Madeira e os Açores. A beleza da primeira ilha deu-lhes ânimo para novas conquistas (...).⁹⁵

Jean-François de La Harpe

No período que medeia o século XV e o final do século XIX, aventureiros, exploradores, geógrafos, cosmógrafos, geólogos, botânicos, zoologistas, missionários, mercadores – e, mais tarde, escritores – fizeram o relato das suas viagens. No quadro de uma mentalidade predominantemente renascentista, moderna e cristã, as primeiras observações dos navegadores aproximam-se da reportagem, decorrente de uma missão de reconhecimento

⁹⁵ Tradução nossa: “On en était là, quand, au commencement du quinzième siècle, on découvrit l'utilité de la boussole, et quand les Portugais, encouragés par leurs victoires sur les Maures d'Afrique, longèrent la côte occidentale de cette partie du monde, et découvrirent Madère et les Açores. La beauté de la première de ces îles, stimula leur ardeur pour les nouvelles conquêtes (...).” (Jean-François de La Harpe, *Abrégé de l'Histoire Générale des Voyages*, 1780).

pautada pela preocupação de informar e de ser útil, registando, essencialmente, coordenadas sobre distâncias, lugares para ancoragem, observações botânicas ou zoológicas, indicações práticas sobre as populações, riqueza do solo e actividade comercial, nomeadamente, a questão das taxas e dos impostos. Acresce a isso o proselitismo religioso e, por conseguinte, o interesse pelas formas de crença e de superstição sentidas na época, uma possível justificação para as igrejas e os conventos assumirem uma evidência peculiar nos relatos consultados.

Alguns viajantes que passaram pela Madeira deixaram anotações ou registos da sua visita, testemunhos de uma relação directa com o lugar descrito. Para alguns desses primeiros viajantes dos séculos XV e XVI, como os italianos Cadamosto, Arditì e Landi,⁹⁶ o Funchal, com o qual sentem empatia, apresenta-se como um espaço urbano, moderno e cosmopolita, em franca expansão. Para outros, funcionava como um mero porto de escala, onde se fazia a *aguada*, a fim de prosseguir a viagem para destinos longínquos. Desses, poucos ter-se-iam interessado em observar e captar em pormenor os aspectos mais característicos da vida insular, ficando-se, na maioria dos casos, por vagas impressões sobre a Cidade.

No que diz respeito aos viajantes franceses, é de notar algum desinteresse pelo arquipélago da Madeira justificado, talvez, pelo facto de as ilhas se encontrarem fora da sua área de influência e de os madeirenses cedo estabelecerem um relacionamento privilegiado com comerciantes ingleses. Além disso, como certas iniciativas políticas da França colidiam, por vezes, com os interesses da Coroa portuguesa, muitos dos viajantes franceses mantinham, à

⁹⁶ Segundo dados de historiadores, os italianos Cadamosto e Arditì encontravam-se ao serviço do Rei de Portugal e Landi estaria relacionado com o rendoso comércio açucareiro insular.

partida, uma posição crítica em relação aos portugueses (Pageaux 1983: 118-119).

Todavia, a localização estratégica da cidade do Funchal – a de uma encruzilhada no Atlântico –, viria a suscitar, naturalmente, a espionagem com fins políticos e comerciais, não só pelos produtos e o comércio daí decorrentes, bem como pela relação privilegiada que mantinha com os britânicos. O plano de viagem que o Rei de França impôs, em 1785, a La Pérouse poderá ser exemplo disso:

As estadas que o Senhor La Pérouse vai passar na Madeira e em São Tiago [Cabo Verde] são demasiado curtas para que possa fazer uma ideia exacta do estado dessas colónias portuguesas; todavia, não descurará de nenhum dos meios ao seu dispor para obter informações, quer sobre as forças que a Coroa portuguesa aí estacionou, quer sobre o comércio que os ingleses e outras nações aí fazem, quer sobre assuntos de interesse que valha a pena saber.⁹⁷

Outros franceses passavam ao largo, como se pode comprovar na primeira parte do livro I de *Voyage de Siam*,⁹⁸ de 1686, do padre jesuíta, Guy Tachard, em que dá conta de uma viagem à China realizada em 1685:

⁹⁷ Tradução nossa: “Les séjours que le Sieur De La Pérouse doit faire à Madère et à S Jago, seront trop courts pour qu’il puisse prendre une connaissance exacte de l’état de ces colonies portugaises ; mais il ne négligera aucun moyen de se procurer des informations, sur les forces que la couronne de Portugal y entretient, sur le commerce qu’y font les anglais et les autres nations, et sur les grands objets qu’il peut être intéressant de connaître.” (La Pérouse 1797: 30).

⁹⁸ Título por extenso: *Voyage de Siam des pères jésuites envoyés par le roi aux Indes et à la Chine avec leurs observations astronomiques, et leurs remarques de physique, de géographie, d’hydrographie et d’histoire*, de Guy Tachard, Livre premier (première partie), 1686.

No décimo primeiro domingo, passámos ao largo da Madeira, onde notámos nitidamente muita neve na montanha mais próxima. À tarde, três pequenos navios ingleses, rumando para a Europa, passaram por nós a sotavento; pareceu-nos que vinham das Canárias, porque ainda não tinham embarcado as lanchas.⁹⁹

É possível cruzar este testemunho com o de um outro companheiro de viagem, o Abade de Choisy, que indica ter avistado a Madeira no dia 10 de Março do referido ano:

* – À uma da tarde, avistámos a Madeira e bordejámos-la toda a tarde, sem no entanto nos aproximarmos a menos de dez léguas. No dia 11 de Março, a ilha mantinha-se visível: ainda hoje de manhã deu para avistá-la. As terras são muito altas e todas cobertas, ao que se diz, de vinhas e de árvores de fruto.

** – Às duas da tarde, cruzámos-nos com três navios. Eram ingleses, uma fragata com vinte peças de canhão e dois flibotes. Passaram por nós orgulhosamente, sem nos saudar, embora tivéssemos melhor aspecto do que eles. Os nossos missionários não ficaram nada satisfeitos com a falta de civilidade de que deram mostras. Se fossem holandeses ou espanhóis, teriam cantado. Cada um seguindo a sua rota, pelo mesmo vento: estranha propriedade da bolina.¹⁰⁰ (*Journal de Choisy* – 11 mars 1685)

⁹⁹ Guy Tachard, *Voyage de Siam*. “Le dimanche onzième, nous passâmes à la vue de Madère*, où nous remarquâmes distinctement beaucoup de neiges sur la montagne la plus proche. L’après-dîné, trois petits bâtiments anglais venant en Europe nous passèrent sous le vent ; on crut qu’ils venaient des Canaries, parce qu’ils n’avaient pas encore embarqué leurs chaloupes**.” Tradução nossa.

¹⁰⁰ Abade de Choisy, *Journal*: “* - A une heure après midi on a vu Madère et nous l’avons côtoyée toute l’après-dînée, sans pourtant nous en approcher plus près que de dix lieues. Et le 11 mars, l’île était toujours visible : ce matin nous avons encore vu Madère. Les terres en sont fort hautes et toutes couvertes, à ce qu’on dit, de vignobles et de fruitiers. // ** - A deux heures après midi on a vu trois bâtiments sur notre

Parece verificar-se algumas contradições nas notas tomadas por observadores que passaram por uma experiência semelhante na mesma época, uma situação que coloca ao estudioso de textos desta natureza a questão do tratamento das fontes.

Relações de viagem, diários de bordo, correspondência entre negociantes ou entre um diplomata e a sua tutela, relatórios com fins políticos, memórias ou jornal de um périplo de carácter autobiográfico¹⁰¹ constituem as matérias textuais que parecem ter alimentado a Literatura de Viagens. Neste âmbito, a concepção do discurso balança entre as expectativas que o espaço visado cria – a ideia preconcebida do lugar que se vai visitar ou pelo qual se vai passar –, a percepção da sua realidade quando experienciada directamente e o momento da restituição das impressões através da escrita. É neste sentido que os testemunhos de viajantes assumem o estatuto de importantes fontes de informação, contudo sempre sujeitos a alguma caução: o que viram e reconheceram e o que não conheciam e lhes chamou a atenção (o estranho e o familiar), sabendo que pormenores desconhecidos poderiam passar despercebidos aos olhos deles.

Nas relações de viagem, esses viajantes-escritores tendem a dar uma imagem fiável da Madeira/Funchal – observação e descrição das paisagens, dos habitantes e dos seus costumes – embora por vezes a visão que têm do meio insular possa ser parcial ou mesmo caricatural, dependendo, em parte, dos próprios centros de interesse bem como dos critérios de curiosidade. Com efeito, a percepção do observador no seu modo de apreender a realidade

route. [...]. C'était des Anglais, une frégate de vingt pièces de canon et deux flibots. Ils ont passé fièrement sans nous saluer, et nous avions pourtant meilleure mine qu'ux. Nos missionnaires n'étaient pas trop contents de leur peu de civilité : si ç'avait été des Hollandais ou des Espagnols, ils auraient chanté. Ils allaient d'un côté et nous de l'autre par le même vent : étrange propriété de la bouline." Tradução nossa.

¹⁰¹ Veja-se, a este propósito, a "voga" do *Grand Tour* nos séculos XVIII-XIX.

envolvente manifesta-se, por vezes, através de juízos de valor, desdobrados em preconceitos (de classe), privilegiando, assim, informações sobre a mentalidade do observador em detrimento da paisagem percebida.

Todavia, sujeito a motivações que oscilam entre a inventariação de dados de que podem ser exemplo aspectos históricos e geográficos, produtos comerciais, tipos humanos, informações sobre a força militar no terreno, sinais exteriores de riqueza, entre outros, o espírito de aventura movido pela atracção do desconhecido e a viagem de aprendizagem veiculada pelo contacto com o Outro, o método de comparação seguido por alguns torna-se relevante para estabelecer semelhanças e diferenças com o mundo do viajante observador.

Na sua abordagem teórica, Fernando Cristóvão entende o conceito de Literatura de Viagens como “o subgénero literário que se mantém vivo do século XV ao final do século XIX, cujos textos, de carácter compósito, entrecruzam literatura com História e Antropologia, indo buscar à viagem real ou imaginária (por mar, terra e ar) temas, motivos e formas” (Cristóvão 1999: 35). O que significa que a Literatura de Viagens não se limita a uma fonte válida para os historiadores e para os antropólogos, como também permite aos investigadores no âmbito mais alargado das Ciências Humanas a auscultação do confronto entre culturas/civilizações.

Dos testemunhos escritos acerca de Literatura de Viagens de que há notícia, apenas os textos analisados por especialistas são objecto de referência, aproximando-se da reflexão sobre a poética da viagem na literatura proposta por Maria Alzira Seixo,¹⁰²

¹⁰² Na sua reflexão sobre a poética da viagem na literatura, Maria Alzira Seixo contempla “três grandes zonas: a da viagem imaginária (que recobre mitos e textos lendários alegóricos) [...] a da literatura de viagens (constituída por textos directamente promovidos pelas viagens de relações comerciais e de descobrimentos [...] assim

em que são contempladas três grandes modalidades: a da viagem imaginária, fora do âmbito de análise da nossa abordagem, a da literatura de viagens e a da viagem na literatura. Desse conjunto de textos, irão distinguir-se obras de intenção pragmática, como relações de viagem e instruções náuticas, das de intenção literária, como é o caso de crónicas ou sugestões de viagem.

Articulando-se a estrutura narrativa em dois tempos distintos, assiste-se, num primeiro momento, ao relato das circunstâncias em que decorre o primeiro contacto com a Cidade – habitualmente, uma chegada mais ou menos atribulada – e, num segundo momento, descreve-se os aspectos que o viajante entender mais relevantes.

Veja-se, a este propósito, como alguns escritores foram testemunhas oculares dos lugares por eles descritos, retratando, mentalmente, os espaços da cidade do Funchal, outros apenas repetindo ou sintetizando a informação disponível na época. Nesses livros escritos por estrangeiros, condensam-se observações diversas acerca da Cidade, o seu aspecto, as suas gentes e as suas actividades.

O primeiro viajante estrangeiro a deixar um testemunho sobre o Funchal, que teria visitado em 1455, parece ter sido o italiano Luís de Cadamosto, no texto *La Prima Navigazione*, mostrando-se impressionado com o grau de progresso atingido pela Madeira (Vieira 1999: 13). Em *A Madeira Vista por Estrangeiros*, António Aragão observa:

como pelas viagens de escritores que decidam exprimir por escrito as suas impressões referentes a percursos concretamente efectuados) e a da viagem na literatura (na qual a problemática da viagem é utilizada como ingrediente literário, em termos de motivo, de imagem, de intertexto, de organização efabulativa)”. V. Maria Alzira Seixo, *Poéticas da Viagem na Literatura*, Lisboa, Edições Cosmos, 1998, p. 17.

Quanto ao Funchal apenas refere que aí se erguiam “belíssimas e devotíssimas” igrejas e duas fortalezas – um a meio sobre o mar (São Lourenço) que defendia o porto e outra na outra extremidade (Fortaleza Nova ou do Pelourinho) com algumas peças de artilharia. (Aragão 1981: 19)

Outro episódio encontra-se referido em *Historia de las Índias*, de 1562, pelo frade dominicano Bartolomé de Las Casas, com base, em parte, no testemunho de Diogo, o filho de Colombo. Conta-se que Colombo, aquando da sua terceira viagem às Índias, em 1498, e já elevado à categoria de Almirante e Vice-Rei, terá estado, também, na ilha da Madeira: “Na vila foi recebido com todas as honras, por ser ali muito conhecido, dado nela ter vivido algum tempo; esteve ali seis dias provendo-se conscienciosamente de água, de lenha e de todo o necessário para a viagem”.¹⁰³ Desta notícia em segunda mão, se tem inferido que a estada de Colombo na Casa de João Esmeraldo, no Funchal, tradicionalmente conhecida por Casa de Colombo, só poderia ter ocorrido nesse período, no regresso da sua terceira viagem às Antilhas, visto que, só nessa época, a referida casa se encontraria construída.

Após demorada estada na Madeira, cerca de 1530, o Conde Giulio Landi (1498-1579) viria publicar *La Descrittione de L'Isola de la Madera*, em 1574.

A cidade é de natureza tal que se estende ao comprimento ao longo do litoral. Rodeiam-na duas pequenas línguas de terra que

¹⁰³ Tradução nossa: “En la villa le fué hecho muy buen recibimiento y mucha fiesta, por ser allí muy conocido, que fué vecino de ella en algún tiempo; estuvo allí proviendo-se complidamente de agua y leña, y los demás necesario para su viage, seis dias.” (Las Casas 1951: 497).

se estendem um pouco em direcção ao mar, de modo que o seu aspecto é o de parte de um semicírculo cuja latitude é inferior em quase metade da longitude. Toda [a cidade] está virada para o meridiano e para oriente. Ela, porque (como dissemos) está localizada um pouco em declive ao longo da costa, despeja para o mar toda a imundície. Por esta razão não é tão ampla quanto formosa. Está bastante ornamentada com edifícios, tanto públicos como privados, e abundantemente preenchida com todas as coisas que dizem respeito tanto ao modo de vida quanto ao ornamento da cidade. Na verdade muitas vezes os comerciantes viajam para ali vindos até de paragens longínquas. Da Itália, da Gália – especialmente das cidades da Armórica –, e também dos Pleumóxios, da Britânia e da Hibernia, que uns trazem as coisas de que os madeirenses carecem e os outros levam dali o que a ilha produz, especialmente açúcar e vinhos, de que a Madeira é especialmente abundante além dos restantes produtos. Não há nenhum porto na cidade, nem sequer em toda a ilha, mas as naus pelas âncoras mantêm-se seguríssimas. Todavia, quando o vento (?)¹⁰⁴ ou vento áfrico se levantam, ficam em grande perigo. Por esta razão convém ou dirigi-las para o mar alto e confiar-se à fortuna ou fugir para a parte de trás da ilha. A cidade é também abundante em águas fluviais, que correm do cimo das montanhas da ilha para a cidade e por esta razão a água poderia também ser levada para o cimo das casas sem grandes dificuldades. Na verdade existe na praia uma fonte conhecida de água dulcíssima, que os cidadãos usam com frequência. (tradução de Pinheiro 2008: 116-117)

¹⁰⁴ *libanato*: vocábulo que não traduzimos por não ainda termos encontrado o seu exacto significado. A tradução italiana que acompanha o texto latino também não o traduz, contornando a dificuldade textual. (NdT)

Durante os meses passados no Funchal observará, de modo objectivo, o comportamento dos diferentes grupos sociais, costumes dos habitantes, considerados “bons e verdadeiros cristãos”, prestará atenção à arte de amar e de namorar dos funchalenses, à vida social dos casados, à relação do senhor com o escravo. Na sua *Descrição da Ilha da Madeira* relata cenas da vida quotidiana, algumas delas anedóticas como quando se refere à proliferação de “pulgas, ratos e meretrizes” e regista os folgares nas datas festivas, de índole religiosa ou de índole comemorativa – danças e cantares, bem como espectáculos que se extinguíram, nomeadamente o jogo de cana, as corridas de touros e o jogo da péla (luta).

Pompeo Ardití, também italiano, registará na sua *Viagem à Ilha da Madeira e aos Açores*, que terá feito em 1567, que:

A cidade do Funchal é a maior povoação de toda a ilha e poderá ter umas cinco a seis mil almas. Está situada numa praia de milha e meia de comprimento, voltada para Cabo Verde. Aí ancoram todos os barcos que vêm comprar açúcar, vinho e conserva de açúcar, de que nesta cidade se fazem de óptima qualidade e em muita abundância. Aqui, assim tanto os que vendem como os que compram, pagam direitos ao Rei, à razão de dez por cento, de modo que o Rei com isto e com aquilo que lhe provém do açúcar das gentes da terra, que lhe dão um quinto, todos os anos, livre de todas as despesas, obtém cinquenta mil ducados. (Aragão 1981: 130)

António Aragão observa que o número de habitantes aqui referido contradiz o cômputo populacional de dezasseis mil indicados no *Elucidário Madeirense* para o ano 1500. Esta

contradição poderá explicar-se pelo modo pouco preciso e nem sempre centralizado dos recenseamentos da população nessa época.

Na transição do século XVI para o século XVII, Leonardo Torriani, arquitecto de origem italiana e engenheiro geral de Filipe II, deixará o manuscrito intitulado *Descrittione et Historia del Regno de l'Isole Canarie*, onde procede a uma descrição da Madeira, revelando, contudo, um conhecimento mais documental do que propriamente assente na experiência. Na verdade, parece ter-se apoiado nos textos de Cadamosto, de Landi e de Arditì. Eis um trecho da descrição da ilha da Madeira, traduzido pelo Frei Francisco de Santo Tomás:¹⁰⁵

O comércio desta cidade é tão grande, por causa dos muitos navios, que a ela vem de todas as partes de África pertencentes a cristãos, e de Itália, Alemanha, França, Espanha e Escócia, que é chamada por antonomásia a Pequena Lisboa. Todos os impostos, e taxas são aqui de dez por cento, assim nas coisas que entram, como nas que saem da Ilha e deles, como das décimas e primícias da Igreja é padroeiro o Rei, que depois dá ao Bispo mil e quinhentos escudos por ano, e aos cónegos setenta e cinco, da mesma sorte que dantes faziam os Reis de Portugal. De todos aqueles impostos paga Sua Majestade a décima parte aos descendentes dos seus gentishomens, Tristão Teixeira e João Gonçalves Zarco, que foram os primeiros que descobriram esta Ilha, [...]. Os quais impostos, na maior prosperidade dos anos passados, dizem ter chegado a oitenta mil escudos por ano, e ainda de presente não descem de

¹⁰⁵ João Rocha Pinto dá a seguinte indicação em nota de rodapé (p. 974): “Frei Francisco de Santo Thomaz, Prologo, pp. V. em Leonardi Torriani Cremonese, *Descrittione et Historia del Regno de l'Isole Canarie gia dette le Fortunate com il parere loro Fortificationi*, C.O.D. 892 da B.N.L.”.

sessenta mil; porém daqui em diante, se julga, que irão sempre a menos, porque já a Ilha vai faltando, como as Canárias; pois que sendo montuosa e sem as primeiras selvas, vão as águas das chuvas e inundações dos rios levando as terras ao mar, e deixando descoberta toda a ossada dos montes. (Pinto 1989: 990-991)

Note-se que o fenómeno das enxurradas, a necessidade de proteger a Cidade com uma cintura verde e a gestão da água eram problemas que estavam, já nessa época, na ordem do dia.

Data desta época a visita do viajante francês Jean Mocquet ao Funchal, relatada no seu *Livro das Viagens na Líbia, nas Canárias e na Barbária*.¹⁰⁶ Resumindo um dos aspectos do trabalho de Maria dos Remédios Castelo Branco, Nelson Veríssimo adianta que:

Jean Mocquet chegou ao Funchal em finais de 1601, no navio *La Syrène*, e daqui partiu a 9 de Fevereiro do ano seguinte. Receando-se estar a tripulação contaminada pela peste, foi inicialmente, impedida de desembarcar. Durante quinze dias, o navio, em que viajava, permaneceu defronte do Funchal, junto aos ilhéus da baía. Neste período, foram abastecidos com pão e vinho que, através de uma corda, os madeirenses faziam descer do alto dos ilhéus para o *La Syrène*. Após esta alongada demora, conseguiu desembarcar, mas, à entrada da cidade, os guardas obrigaram-no a mudar de fato. (Veríssimo 1999: 219)

¹⁰⁶ É nossa a adaptação do título do livro I que se insere num conjunto de seis, perfazendo a obra *Voyages en Afrique, Asie, Indes Orientales et occidentales faits par Jean Mocquet, Garde du Cabinet des Sguarités du Roi*, aux Tulleries, Paris, Jean Heuqueville, 1617, reed. 1645, 1665, e 1830.

Por sua vez, João Adriano Ribeiro condensa as observações que o viajante e boticário francês teceu acerca do Funchal:

O Funchal, situado num vale, estava rodeada de montanhas donde brotava água em abundância, tendo causado algumas inundações que derrubaram pontes, casas, igrejas e outros edifícios. De facto, esta cidade era conhecida no estrangeiro pelas suas ribeiras, mas não existiam muralhas a separá-las do casario e, de tempos a tempos, quando se davam inundações, deixavam inquietos os seus habitantes. Este autor comparava o Funchal a Saint-Denis, em França, e acrescentava que era densamente habitado, com um grande número de escravos que trabalhavam nos canaviais à volta da cidade. [...]. Considerava o ar doce e temperado. Para o autor, era o clima mais agradável do mundo, comparável ao Paraíso Terrestre. [...]. Existia na altura um cônsul de França, Jean Caux de Chartres [...]. Aquele representante francês era rico e recebeu agradavelmente o autor e os seus companheiros. Ele tinha [...] clientes franceses, ingleses e flamengos e mesmo de outros lugares para fazer carregar os seus navios. Exportava-se da Ilha grande quantidade de excelentes conservas de fruta, como marmelada, doce de laranja, cidra e outros doces. (Ribeiro 1997: 242)

Por seu lado, Maria dos Remédios Castelo Branco já evidenciara as construções que, aos poucos, modificam a paisagem:

De assinalar ainda a existência já considerável de quintas e vilas que a gente abastada ia fazendo surgir na encosta da montanha e que iriam constituir a decoração *sui generis* de uma paisagem única [...] e que, ao longo dos tempos, impressionaria tantos outros

viajantes ao aproximarem-se do Funchal. (Castelo Branco 1987: 226)

Pierre d'Avity, sem se deslocar aos locais descritos, como parecia ser prática dos geógrafos da época, sintetiza em *Discription General d'Afrique seconde partie du monde avec tous ses empires, royaumes, estats e republicques*, de 1637, as leituras que fez das relações de viagem que consultou, informação relativa à Madeira e ao Funchal que João Adriano Ribeiro resume em “A Madeira na literatura de viagens francesa (1600-1652)”:

Considerava o autor que “era um dos melhores e mais agradáveis lugares da terra”. Aquilo a que denominavam bondade das águas e do clima era uma das qualidades da Ilha gabadas por todos quantos a visitavam. [...]. O Funchal era a capital e possuía uma igreja colegial, três paróquias, dois conventos da Ordem de São Francisco, de ambos os sexos, outro cujos religiosos dependiam dos reis de Portugal e um outro de virgens, fundado pelo Governador da Ilha, de seu nome Gonçalves, além de um colégio de jesuítas. (Ribeiro 1997: 243)

Com destino à Guiana Francesa, o padre Antoine Biet relatará a viagem empreendida entre 1652 e 1653, no seu *Voyage de la France equinoxiale en l'isle de Cayenne enterpris par les françois*, de 1664. Na sua escala no Funchal, pôde observar e dar conta das formas elevadas de cortesia com que eram recebidos os viajantes distintos, uma prática também sublinhada por Nelson Veríssimo:

As frotas das nações estrangeiras, com as quais Portugal mantinha boas relações diplomáticas, eram, normalmente, recebidas com

todas as honras pelo capitão-general da ilha. [...]. Algumas dessas amabilidades: frequentes trocas de presentes, concerto musical, libertação de presos portugueses e franceses e salvas de artilharia. (Veríssimo 1999: 114)

De acordo com João Adriano Ribeiro, o padre Biet terá igualmente anotado que o Funchal:

‘Era sede episcopal que estava naquele momento sem bispo por causa dos diferendos entre Portugal e Espanha. [...] O Governador morava numa fortaleza sobranceira ao porto. Existiam ainda duas outras fortalezas: uma na extremidade da cidade do lado norte (fortaleza do Pico) e uma terceira no litoral (forte de Santiago). Havia um rochedo no mar onde o Governador pensava construir uma fortificação (fortaleza do Ilhéu), que evitaria a aproximação das embarcações. As igrejas eram bonitas, sobretudo a Catedral, tendo enumerado os seus altares. Existia ainda um convento de Santa Clara e uma casa dos Jesuítas. Não viu mais que duas pontes sobre uma ribeira que descia da montanha. Havia poucos portugueses, vendo-se sobretudo escravos negros. Os costumes eram bem diferentes entre o campo e a cidade. Os [habitantes] da cidade [...] eram muito preguiçosos e não pensavam senão em fazer mal. O clero, tanto regular como secular, era pouco dado à devoção, isto porque a diocese estava sem bispo e não havia pessoa que o submetesse ao seu dever. [...]. [O clero] acerca dos assuntos religiosos mostra[va] grande ignorância. [...]. Acrescentava finalmente que os nobres tinham uma compostura verdadeiramente espanhola. (Ribeiro 1997: 247)

Acerca da visão que Biet dá dos comerciantes, Nelson Veríssimo observa que:

Biet considerou-os [o grupo dos mercadores], na sua generalidade, ladrões e comparou-os com ciganos, mas o padre francês muito provavelmente exagerou. (1999, p. 71). Biet [...] apontou que «des lieux infames y sont fort communs», depois de referir que os mercadores e os burgueses tinham inclinação para o vício da carne. (Veríssimo 1999: 82)

Não será, porventura, o caso dos comerciantes calvinistas estabelecidos na Ilha que, por volta de 1686, nos dias subsequentes à revogação do Édito de Nantes, acolheram, como adianta Paolo Carile, Guillaume Chenu de Laujardière,¹⁰⁷ um jovem com cerca de catorze anos, expatriado pela família para evitar a sua conversão forçada ao catolicismo. A sua aventura – situação que faz lembrar o *topos* do aventureiro foragido, de sabor picaresco – começa na Madeira onde é temporariamente acolhido pela família de calvinistas em casa de quem iria permanecer durante seis meses. Devia, posteriormente, seguir para a Holanda e Brandeburgo onde esperava por ele o irmão mais velho. Todavia, as perseguições também chegaram à Madeira e sob a ameaça de ser enclausurado no colégio jesuíta, o jovem saltou para um barco inglês que seguia para as Índias orientais (Carile 1997: 54).

Na senda das viagens científicas que se iniciam no séc. XVIII, o padre jesuíta francês, Antoine de Laval, faz uma estadia no Funchal, nos dias que medeiam 6 e 17 de Abril de 1720, para fazer “observações astronómicas” com vista a determinar a latitude e a longitude da ilha da Madeira. Na sua obra *Voyage de La Louisiane*, publicada em Paris em 1728, descreve o Funchal e o Litoral da

¹⁰⁷ Guillaume Chenu de Laujardière, *Relation d'un voyage à la côte des Cafres [em] Fureur et barbarie. Récits de voyageurs chez les Cafres et les Hottentots (1665-1721)*, textes réunis et présentés par Dominique Lanni, préface de François Moureau, Paris, Cosmopole, 2003.

Ilha, anotando que foi muito bem recebido pelos padres jesuítas do Colégio, bem como pelos portugueses da Madeira (p. 33). A sua atenção centra-se na orografia e no clima da Ilha, na qualidade da água doce e nos produtos da terra (trigo, cana-de-açúcar, vinha, banana, entre outras árvores de fruto). Vai procurar o boticário mais conceituado da Cidade para saber se existe na Ilha plantas raras com propriedades medicinais, sendo-lhe dito que não (p. 30). Relativamente ao Funchal, repara que a Cidade é tão extensa quanto Toulon (França), mas não tão larga (p. 16). Inventaria as defesas da urbe (localização dos fortes, bastiões e muralhas), qualificando-as de “antigas e de mau gosto”, os edifícios da Igreja (catedral, colégio e conventos), cuja arquitectura, no seu modo de ver, é datada, sem arte, ao passo que o hospital é “bonito, amplo e bem dotado”. Regista que a guarnição é composta por apenas cento e cinquenta homens, no entanto, a Ilha está razoavelmente povoada, entre vinte e quatro mil e trinta mil habitantes. No Colégio, há vinte padres jesuítas e quatrocentos alunos, divididos em cinco turmas. Esboça a configuração da “capital da Ilha” do seguinte modo:

A cidade do Funchal é bastante bonita. A maioria das casas, de boa construção, tem apenas um piso, havendo, no entanto, algumas com dois e três pisos. A pedra de cantaria em grão grosso não falta. Como existe na ilha grande quantidade de cedros, várias casas têm o tecto feito dessa madeira e um bonito soalho de pinho. Uma ribeira grande passa na extremidade da cidade a Oriente. Outra mais pequena, a Ocidente. Como estas ribeiras descem da montanha, é fácil conduzir as águas, por várias levadas, aos numerosos e bem tratados jardins da cidade. Não há casa que não tenha o seu jardim, onde se encontram as mesmas essências

que na Europa. A zona ribeirinha da cidade está protegida por uma simples muralha com alguns ângulos salientes.¹⁰⁸

Décadas mais tarde, no primeiro tomo da sua *Histoire des deux Indes*,¹⁰⁹ de 1780, o abade Raynal descreverá a cidade insular num modo menos benevolente:

O Funchal é uma cidade construída sem esmero, na costa meridional, num vale fértil, no sopé de montanhas cujas suaves encostas estão cobertas de jardins e de casas de campo muito agradáveis. A cidade é atravessada por sete ou oito ribeiras. A baía, o único lugar onde é permitido carregar e descarregar navios e onde se estabeleceu, por conseguinte, a alfândega, é muito segura ao longo de quase todo o ano.¹¹⁰

¹⁰⁸ Tradução nossa: “La ville de Funchal [...] est assez belle, les maisons y sont bien bâties, plusieurs n’ont qu’un étage; il y en a pourtant quelques-unes à deux & trois étages. La pierre de taille d’un gros grain n’y manque pas. Comme il y a dans l’Isle quantité de cedres, plusieurs maisons ont leurs plafonds de ce bois, & les planchers de sapin, qui y est fort beau. [...] § Un ruisseau assez gros passe à l’extrémité de la ville à l’Orient. Un autre moindre à l’Occident. Comme ces ruisseaux viennent de la montagne, on conduit aisément leurs eaux par divers canaux dans les jardins de la ville, qui sont en grand nombre & bien cultivés. Il n’y a guère de maison qui n’ait son jardin, où l’on trouve les mêmes herbages qu’en Europe. § [...] Le long du rivage la ville est enfermée d’une simple muraille qui forme quelques angles saillans [...]” (in *Voyage de la Louisiane*, Antoine de Laval 1728: 31-32).

¹⁰⁹ Citado por François Moureau. V. L’abbé Raynal, premier tome de l’*Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des Européens dans les deux Indes*, Genève, Pellet, 1780, in-8.º, t. I, pp. 47-51.

¹¹⁰ Abade Raynal, *Histoire des deux Indes*: “La ville de Funchal, bâtie sans beaucoup de goût, sur la côte méridionale, dans un vallon fertile, au pied de quelques montagnes dont la pente douce est couverte de jardins et de maisons de campagne très agréables. Sept ou huit ruisseaux la traversent. Sa rade, la seule où il soit permis de charger ou décharger les bâtiments, et la seule par conséquent où l’on ait établi des douanes, est très sûre durant presque toute l’année.” (cit. por Moureau 1997: 204). Tradução nossa.

La Pérouse, na obra póstuma intitulada *Voyage autour du monde*, datada de 1797, relata uma viagem que terá realizado ao Funchal entre os anos 1785-1788. No verbete que lhe é dedicado, os autores do *Elucidário Madeirense* condensam as informações concedidas pelo viajante:

La Pérouse foi muito obsequiado no Funchal pelo negociante inglês Johnston, de quem recebeu na ocasião da partida cem garrafas de vinho Malvasia, meio barril de vinho seco e frutas em doce e aguardente, e jantou no dia 14 de Agosto [de 1785] em casa do português Monteiro, encarregado dos negócios do consulado de França, tendo almoçado nesse mesmo dia na residência do cônsul inglês Murray.

Note-se, mais uma vez, o gosto particular que tinham os notáveis da Cidade em receber ilustres viajantes.

O Conde de Las Cases, no seu *Memorial de Santa Helena*, refere a chegada do barco inglês *Northumberland* à baía do Funchal, onde fez escala, e em que viajava Napoleão a caminho do seu derradeiro exílio:

A 22 [de Agosto de 1815] tomámos contacto com a Madeira. Chegámos diante do porto à noite; somente dois barcos foram enviados ao molhe para as necessidades da esquadra. O vento estava muito forte, o mar muito bravo; o Imperador estava incomodado e eu estava bastante doente. Havia golpes de vento; o ar estava excessivamente quente e como que carregado de uma poeira extremamente fina: eram esses ventos terríveis do deserto de África que transporta até nós as emanações. Este tempo durou

todo o dia seguinte, a comunicação com a terra tornou-se muito difícil; entretanto, o cônsul inglês veio a bordo: disse-nos que há muitos anos não se via um tempo semelhante; todas as vidraças da cidade estavam partidas, respirava-se dificilmente nas ruas, e a vindima estava perdida; continuámos assim toda a noite seguinte e o dia 24, em que embarcámos alguns bois e outras provisões como laranjas não maduras, maus pêssegos, peras sem gosto, mas figos e uvas excelentes. À noite retomámos o caminho, com uma grande rapidez, o vento continuava sempre muito forte. (cit. por Ventura 1999: 17)

Consta que os habitantes da Cidade, supersticiosos, terão atribuído o mau tempo à presença de Bonaparte, o que terá colaborado para a construção do mito napoleónico.

Cerca de 1840, a entrada na era da marinha a vapor viria a favorecer o desenvolvimento do turismo e o gosto pelo exotismo, despertando-se, um pouco por todo o mundo, o interesse pelo subgénero literário em análise. Constituído, essencialmente, por crónicas ou impressões de viagem (Castelo Branco 1989), viria a decorrer, em parte, da expansão e desenvolvimento do periodismo, o espaço onde, na época, eram publicados os relatos de viagem – folhetins. Naturalmente, a ilha da Madeira não deixará de fazer parte do imaginário de alguns escritores que a escolheram para situar as aventuras dos heróis dos seus livros.

No campo literário, criando a sua própria dimensão cronotópica, segundo uma perspectiva poética alargada, os viajantes-escritores parecem encontrar nos espaços que (re)criam nos seus textos, a possibilidade de se aceder a um lugar de verdade e libertação: uma paisagem romântica de um *locus amoenus*, a terra prometida, o paraíso terrestre, uma utopia, ou um lugar especial

onde é possível viver-se na plenitude. O espaço emerge como uma categoria privilegiada do universo da narrativa, tornando-se, por vezes, num espaço mágico ou mitificado, um actor principal no palco da ficção em que o discurso narrativo se constrói. Neste sentido, uma paisagem pode inspirar o artista-escritor, mais preocupado em traduzir as sensações e emoções do que propriamente em descrever, com exactidão, a realidade envolvente, o que parece acontecer no romance epistolar *Un Giorno a Madeira*, ou na sua tradução portuguesa, *Um Dia na Madeira*, de Paolo Mantegazza (1831-1910), obra de ficção, alicerçada, contudo, nas experiências do autor-narrador, que a contextualiza nos anos 1852-1853. Mantegazza não deixará passar a oportunidade de dar a ver a cidade do Funchal em harmonia com a grandiosidade do espaço marinho de onde sobressai o “grande anfiteatro de montes altíssimos”:

Passados alguns instantes, estávamos diante do Funchal, a capital da ilha, que parecia estender-se ao de leve entre campos de canas-de-açúcar e de inhames, entre quintais sombrios com as nossas árvores europeias e bosques fantásticos de bananeiras de folhas gigantes e aveludadas: e a todo o redor abria-se um grande anfiteatro de montes altíssimos, verdadeiros penhascos de gigantes; e a emoldurar o quadro, dois oceanos talvez demasiado grandes para aquele ninho de amores: o oceano do mar e o oceano do céu: naquele instante não saberíeis dizer qual dos dois mais se aproximava do azul ultramarino ou da safira. § Passei três vezes diante da Madeira e ouvi sempre irromper do peito dos mais comuns dos viajantes um grito da alma: por que não tenho uma casinha neste paraíso? (Mantegazza 2010: 22)

Da paisagem literária revisitada, as imagens eleitas fazem despertar a emoção, dando origem a correspondências que vibram

do interior do imaginário textual. O momento do desembarque descrito por Mantegazza permite dar a ver uma das múltiplas possibilidades que a tópica da viagem pressupõe e que o acaso reserva à entidade ficcional:

O encanto daquele panorama estava destinado a durar pouco: um grito uníssono de mil bocas, um pandemónio de mil palavrões portugueses, ásperos no sotaque e mais ásperos ainda no sentido convidam-nos a desembarcar, a escolher uma barca entre tantas que barulhentas e impertinentes batiam contra o *Thames*. Depois, no meio de berros e de gritos, mal desembarcámos, tive de abrir caminho à força por entre gente meio despida que me propunha um cavalo; gente de casaca que me propunha um hotel; vendedores de bengalas, vendedoras de bordados; um mundo de outros homens e de outras mulheres que em óptimo português, em péssimo francês, e em mau inglês queriam todos alguma coisa de mim, sem que eu quisesse alguma coisa deles. (Mantegazza 2010: 22-23)

Descrever a viagem deixará de ser uma prática exclusiva dos homens. No século XIX, são cada vez mais as senhoras da aristocracia ou da alta burguesia que procuram captar e fixar através da escrita e do desenho curiosidades e cenas marcantes do meio que vão descobrindo, como ilustra Isabella de França (1853-1854). Não terá sido a única.

Da sua estada na Madeira, no Inverno de 1859-1860, Carlota de Saxe (1840-1927), filha do rei Leopoldo da Bélgica, terá escrito, embora não tivesse assinado,¹¹¹ *Un Hiver à Madère*,¹¹² livro publicado

¹¹¹ A esse respeito, João Cabral do Nascimento observa nas suas “notas”: “A pragmática tão rigorosa da corte austríaca não permitiria que um membro da família imperial publicasse com o seu nome obra daquela natureza. Esta circunstância talvez explique também a ausência de notas íntimas no diário e a segura com que são referidos os factos relativos à vida dos principescos viajantes”.

¹¹² Não confundir este título com *A Winter in Madeira and a Summer in Spain and*

em 1863, onde incluía alguns desenhos. O texto apresenta-se como um diário dividido por datas ordenadas cronologicamente, correspondendo à estação do ano a que o título se refere.

Pouco depois entrávamos na baía do Funchal, onde uma multiplicidade de quintas, escadeadas na encosta da montanha, se destaca no meio do verde tenro dos campos de cana-de-açúcar. O Funchal parece despontar no meio de um jardim, ao qual à igreja branca da *Nossa Senhora do Monte* serve de algum modo como coroamento. § Infelizmente, devido à incúria do governo que descurou abrigar a baía com a construção de um porto, a enseada está exposta a todos os ventos, oferecendo um asilo pouco seguro aos navios que aí vêm fundear. Estávamos ancorados perto de um pequeno ilhéu de aspecto bizarro, denominado *Loo-rock*. Neste domina um forte onde está desfraldada a bandeira portuguesa e a sua base de basalto assemelha-se à lava calcinada.¹¹³ (...) § Para entrar na cidade, montámos a cavalo. Os jardins das quintas ao lado dos quais passávamos, estavam repletos de begónias em flor e, sobre um muro, resplendecia uma *bougainvillea spectabilis* de um roxo intenso. § A estrada borda o cemitério plantado de altíssimos ciprestes; defronte ergue-se o belo e pitoresco hospital da princesa D. Maria Amélia, cujo coração materno da Imperatriz

Florence, 1850, do americano John Adams Dix, cujo relato respeita a uma estadia na Ilha que vai de 12 de Novembro de 1842 a 17 de Março de 1843.

¹¹³ Tradução nossa: “Bientôt nous entrions dans la rade de Funchal, où une multitude de villas, échelonnées sur le penchant de la montagne, se détachent au milieu du vert tendre des champs de cannes à sucre. Funchal semble sortir du milieu d’un jardin, auquel la blanche église de *Nossa Senhora do Monte* sert en quelque sorte de couronnement. § Malheureusement l’incurie du gouvernement ayant négligé d’abriter la rade par la construction d’un port, celle-ci, restée ouverte à tous les vents, offre un asile peu sûr aux navires qui viennent y jeter l’ancre. Nous étions mouillés près d’un petit îlot de forme bizarre, appelé *Loo-rock*. Il est surmontée d’un fort où flotte le pavillon portugais, et sa base de basalte ressemble à de la lave calcinée.” (in *Un Hiver à Madère*, Carlota de Saxe 1863: 67).

consorte do Brasil, partido pela perda da única filha, quis dotar a cidade do Funchal.¹¹⁴

Recorrente na literatura, a Praça da Constituição afigura-se como um dos lugares centrais da vida social do Funchal, onde para se chegar, basta atravessar “uma ponte erguida sobre uma ribeira”; esse passeio público é delimitado “por um lado com a igreja de *São Francisco* com a sua cúpula rococó revestida de porcelana, e por outro com a Sé” (Carlota de Saxe 1863: 70-73).

A autora enumera ainda a flora, descreve os meios de transporte, dá conta das visitas de cortesia, recepções e outras excursões, regista um temporal, comenta a procissão de Quarta-feira de Cinzas e a procissão dos Passos, visita as principais quintas da Cidade, como a Quinta Palheiro do Ferreiro, a Quinta Saudade e a da Palmeira, a Quinta Davies (posteriormente designada Quinta Vigia), e a quinta La Tullière, (depois Lambert, antiga Quinta Nossa Senhora das Angústias, hoje conhecida como Quinta Vigia), vai ao teatro Esperança, contacta com personalidades locais, nomeadamente o conde de Carvalhal, o conde Farrobo, o visconde de Torre Bela, o Bispo e alguns cônsules de que podem ser exemplo Carlo Bianchi, cônsul da Áustria, o inglês Stoddart e o americano Marsh.

Dada a sua idade – cerca de vinte anos –, e o número de registos e considerações que apresenta, não seria de estranhar que

¹¹⁴ Tradução nossa: “Pour entrer en ville nous montâmes à cheval. Les jardins des villas près desquelles nous passions, étaient remplis de bignonias en fleurs, et sur un mur resplendissait une *bougainvillea spectabilis* d’un lilas éclatant. § La route longe le cimetière, planté de cyprès gigantesques ; vis-à-vis s’élève le bel et pittoresque hôpital da princesa D. Maria Amélia, dont le cœur maternel de l’Impératrice douairière du Brésil, brisé par la perte de sa fille unique, a voulu doter la ville de Funchal.” (*in ibid.*, Carlota de Saxe 1863: 69).

algumas fossem sugeridas por autores que tivesse lido, já que os seus apontamentos parecem derivar da sua experiência empírica e também documental. Nessa mesma obra são mencionados alguns hábitos dos funchalenses, nomeadamente, os bailes e as recepções decorridos com particular incidência durante o Inverno. A este propósito, é descrita uma festa dada pelo Conde de Carvalhal:

Houve no palácio do Conde de Carvalhal um grande e bonito baile digno de um salão de Londres ou de Paris. Ninguém teria imaginado que no meio de uma pequena ilha do Oceano, privada de comunicação com o mundo civilizado, fosse possível patentear tanta elegância e bom gosto.¹¹⁵

Para além da referência aos bailes, são também tecidas considerações sobre a vida política local, asseverando a preferência dos madeirenses pelos miguelistas, em parte por influência do clero, corroborada pelo facto de, na época, se votar nas igrejas. A leitura do semanário *O Funchalense*, com tiragem aos sábados, permitirá, ainda, à autora fazer observações acerca do comportamento da imprensa local:

A imprensa na Madeira é mesmo má. É surpreendente encontrar neste canto do Oceano esse lado deplorável da civilização mais avançada; nada menos do que quatro jornais no Funchal, cujas colunas se enchem periodicamente de diatribes ridículas contra

¹¹⁵ Tradução nossa: “Il y eut chez le Comte de Carvalhal un fort joli bal, qui eût fait honneur à un salon de Londres ou de Paris. On ne se serait jamais douté qu’au milieu d’une petite île de l’Océan, privée de communication avec le monde civilisé, on pût déployer autant d’élégance et de bon goût.” (*in ibid.*, Carlota de Saxe 1863: 127).

as autoridades locais. Vindo o vapor apenas uma vez por mês, as notícias da Europa ocupam pouco espaço; como então evitar que a maledicência e a calúnia não se metem em tudo? Suponho que seja esse o raciocínio dos periodistas.¹¹⁶

Aliás, a propósito de *Ordem*, um outro jornal, dirá que “os piores jornais têm sempre nomes virtuosos” (Carlota de Saxe 1863: 107). Assim, Maria Carlota revela ter gosto em transmitir as suas reflexões pessoais, acompanhadas por uma atitude crítica.

Jules Verne (1828-1905), escritor francês cuja vocação literária incidia na divulgação de conhecimentos científicos e geográficos da época, é um dos escritores que viria a escolher a ilha da Madeira para cenário das aventuras narradas em *L'Agence Thompson and C^o*, de 1907. Ao analisar o referido romance, Cármen M. Radulet considera-o um:

produto exemplar da literatura de viagens e aventuras produzida em vários países da Europa durante o século XIX e princípio do século XX. Todavia, ao contrário de outros romancistas da época, Júlio Verne aspira à realização de um projecto muito mais complexo e ambicioso do que escrever simples livros de viagem e aventuras: sobretudo com a série das “Voyages extraordinaires”, a intenção é, como declara o próprio Autor, a de utilizar *todos* o conhecimentos geográficos, geológicos, astronómicos e históricos

¹¹⁶ Tradução nossa: “La presse est à Madère aussi mauvaise que possible. On s'étonne de trouver dans un coin de l'Océan ce fâcheux côté d'une civilisation plus avancée ; il n'y a pas moins de quatre journaux à Funchal, dont les colonnes se remplissent périodiquement de diatribes ridicules contre toutes les autorités locales. Le vapeur n'arrivant qu'une fois par mois, les nouvelles d'Europe tiennent peu de place ; que dire donc si la médisance et la calomnie ne s'en mêlent ? Je suppose que c'était là le raisonnement des journalistes.” (*in ibid.*, Carlota de Saxe 1863: 106-107).

recolhidos pela ciência moderna para conseguir “peindre la terre, et même un peu l’au-delà, sous la forme du roman”. (Radulet 1990: 1034)

*A Agência Thompson & C.*¹¹⁷ refere-se à Ilha como uma “região religiosa e católica” (Verne s.d.: 203), menciona o Hotel de Inglaterra (*Ibid.* p. 199) e certos costumes como “a morte do anjo” (*Ibid.* 203-204).

O cotejo entre o romance de Verne e o texto “Six Mois à Madère”, do jovem Marquês Degli Albizzi (?-?), publicado em Paris, em 1888, no periódico *Le Tour du Monde*, revela a contaminação do primeiro pelo segundo. Neste último, Albizzi escreve sobre a sua estada no Funchal e as suas impressões de viagem pela Ilha. Trata-se de um texto ilustrado, pleno de descrições detalhadas, aproximando-se de uma intenção turística. Verne, que não se terá deslocado à Madeira, teria aproveitado o saber de experiência feito de que dá provas o texto de Albizzi para recriar o cenário que escolheu para fazer evoluir as suas personagens. A este propósito, compare-se os excertos seguintes:

Assim que o navio entrou na enseada, foi logo rodeado por um grande número de pequenas embarcações com crianças seminuas que bradavam numa linguagem mista, de português com inglês. Uns vendiam frutos, outros pediam aos passageiros que deitassem moedas ao mar para irem buscá-las ao fundo da água.¹¹⁸

¹¹⁷Utilizamos a tradução portuguesa do romance: *A Agência Thompson & C.*, primeira parte “A Excursão”, tradução de J.B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis, Amadora, Livraria Bertrand, s.d., capítulo XIII.

¹¹⁸ Tradução nossa: “Aussitôt entré dans la rade, le bâtiment est entouré d’une infinité de petites embarcations montées de gamins à demi nus qui gesticulent en criant à tue-tête dans un langage mi-portugais, mi-anglais. Les uns vendent des fruits, les autres

A primeira sequência retrata a chegada à baía do Funchal, imbuída do movimento da faina da pesca, do bombote e da mergulhança:

Assim que o *Seamew* deixou cair a âncora, foi logo rodeado por um grande número de embarcações, conduzidas por crianças seminuas, cujas vociferações se uniam num concerto discordante. Na sua linguagem anglo-portuguesa ofereciam flores e frutos ou pediam aos passageiros que deitassem dinheiro ao mar para irem, surpreendentes nadadores, buscá-los ao fundo da água. (Verne s.d.: 188-189)

Outro aspecto recorrente é o modo original de desembarque de passageiros e bagagens que, dadas as limitações do porto, muito ficou a dever à perícia dos barqueiros locais:

Para chegar à praia, distante quase meia milha, não se deviam empregar os escaleres de bordo. O mar, muito batido no Funchal, torna o desembarque deveras difícil. É necessário o concurso das embarcações da ilha e de marinheiros muito práticos da costa. [...]. § Chegando a vinte metros da praia, os marinheiros param e esperam a onda que os deve conduzir a terra, no meio de um cachão de espuma, mais assustador que perigoso. Os marinheiros da Madeira escolhem o momento psicológico com notável habilidade, e é raro um desembarque falhado. (Verne s.d.: 196-197)

demandent qu'on leur jette à la mer des pièces de monnaie, à la recherche desquelles ils plongent." (in "Six Mois à Madère", Albizzi 1888: 67).

A visita à Cidade, assemelhando-se ao discurso de um guia turístico, dá particular atenção ao típico, ao castiço, oferecendo, dessa forma, um roteiro onde se inscrevem os principais pontos de interesse, de que podem ser exemplo os monumentos, as praças, os meios de transporte e o ambiente das ruas:

Na Praça do Chafariz, bastante vasta e ornada com uma fonte central, formigava multidão imensa de camponeses, vindos do mercado. Os dois franceses acharam sem custo a estação das redes e ajustaram dois destes agradáveis veículos. § [...] Primeiro aproximaram-se do palácio de S. Lourenço, costeando-lhe as fortificações irregulares, flanqueadas de torres redondas, pintadas de amarelo, atrás das quais se abriga o governador da Madeira. § Depois [...] atravessou o jardim público, muito bonito e bem conservado, que se desenvolve ao lado do Teatro do Funchal. § [... A Catedral], do século XV, tem perdido todo o seu carácter debaixo das pinturas sucessivas com as quais a tem mimoseado a muito conservadora administração local. [...] As ruas, bordadas de casas brancas, de persianas verdes e com varandas de ferro, sucediam-se igualmente sinuosas, sempre viúvas de passeios e calçadas com as mesmas pedras impiedosas. No rés-do-chão abriam-se estabelecimentos com aspecto convidativo [...]. Alguns [...] ofereciam aos amadores produtos especiais da Madeira. Eram bordados, rendas em fio de agave, esteiras e pequenos móveis marchetados. Nos mostradores dos joalheiros acastelavam-se braceletes, reduções da eclíptica, porque se viam gravados neles os signos do Zodíaco. [...] Viam-se poucos peões. Os transeuntes, geralmente de rede, apareciam algumas vezes a cavalo e seguidos, neste caso, pelo infatigável arrieiro, encarregado de dar caça aos mosquitos. (Verne s.d.: 201-202)

As referências a alguns meios de transporte típicos da ilha da Madeira, de que são exemplo as “redes” e os “carros de cesto do Monte”, impõem-se como motivos típicos na obra dos escritores:

Outras vezes, o transeunte passa, todo ufano, debaixo do baldaquino impermeável de um carro, espécie de carruagem de patins, deslizando sobre as pedras polidas. O carro, puxado por bois, com guizalheiras, avança com prudente lentidão, conduzido por um rapaz, que faz às vezes de postilhão. § Entretanto, pouco a pouco, o carácter da cidade mudava. Os estabelecimentos rareavam, as ruas tornavam-se mais estreitas, mais tortuosas e mal calçadas. Ao mesmo tempo acentuava-se a subida. Chegavam aos bairros pobres [...] Os condutores das redes não desanimavam com a aspereza do declive. Continuavam a marcha com passo igual, seguro e forte, trocando, ao perpassarem, os bons-dias. § Nestes cerros já não havia carros de bois. Eram substituídos pelos carros do monte, espécie de trenós, admiravelmente adaptados a estes declives da montanha. A intervalos, os turistas viam-nos passar deslizando a toda a velocidade e dirigidos por dois homens robustos, por meio de duas cordas fixas à parte anterior do veículo. (Verne s.d.: 202)

Além do retrato da Cidade, o autor ensaia ainda algumas notas irónicas ou humorísticas sobre a Madeira e a sua capital:

É o paraíso dos doentes, que vêm em grupos compactos no começo do Inverno, sobretudo doentes ingleses, pedir saúde a este céu de um azul tão suave. Desta maneira fica anualmente

uma soma de três milhões de francos nas mãos dos Madeirenses, enquanto as covas abertas por aqueles que não tornarão a partir fazem da Madeira, segundo uma expressão enérgica, “o maior cemitério de Londres”. (Verne s.d.: 188)

Acerca das ruas estreitas e sinuosas da Cidade, Jules Verne refere-se, com tom humorístico, “às ruas desumanas” a que nenhum “calçado [...] resist[e]”:

Tendo desembarcado mesmo em frente da torre dos sinais, os dois viajantes internaram-se logo nas ruas estreitas e tortuosas do Funchal. Mas não tinham ainda dado cem passos quando diminuíram o andamento. Pouco depois pararam, olhando com uma careta dolorosa para a desoladora calçada que lhes atormentava os pés. Em nenhum outro ponto do Globo há ruas mais desumanas. Feitas de fragmentos basálticos de arestas agudas, não há calçado que lhes resista. E a respeito de passeio, nem era bom pensar nisso: é um luxo desconhecido na Madeira. (Verne s.d.: 199)

O escritor aproxima-se, assim, de um espectador-comentador dos Outros, num jogo de identidade-alteridade que se abre à cumplicidade com o leitor.

* * *

Apesar de inexactidões esporádicas à referencialidade da Ilha, as narrativas convocadas ao longo desta segunda parte, por

se aproximarem de uma poética da literatura de viagens, escrita por estrangeiros, com referências ao Funchal, assentam na projecção de uma realidade.

Através dos textos citados ao longo desta abordagem pôde verificar-se vários tipos de sensibilidade do viajante-escritor, desde uma aproximação historicista até às várias dimensões culturais que esse discurso assume, dando a ver aspectos do espaço-tempo referentes, neste caso particular, ao Funchal. O retrato da Cidade, nessas diversas formas como a apreenderam os viajantes-escritores, parece radicar na idealização da ilha da Madeira, retratando uma espécie de paraíso, perdido para uns, inacessível para outros, tanto pela amenidade do seu clima e beleza das suas paisagens como pela gentileza dos seus habitantes. Todavia, não procuram esconder os aspectos que os chocam, nem poupar críticas aos membros do clero, à actividade intelectual e política local, bem como a certos comportamentos sociais.

Percorrendo momentos de uma temporalidade aparente e espaços de uma geografia tornada simbólica, contudo, decalcada do real, que pareceram marcar as formas e as estruturas da percepção dos viajantes que escreveram sobre o Funchal, a leitura das suas descrições ou narrativas levou ao encontro do espaço do texto como lugar do real e do possível, segundo um processo genético através do qual se informa a coerência da imagem do Funchal que se criou em Itália e em França e, embora com menos referências, pelo menos encontradas, em Espanha.

As estruturas espaciais não se reduzem a um simples inventário de lugares representados, com um estatuto puramente descritivo e ornamental, servindo de fundo à composição, mas antes colaboram com ela, de certo modo orientando-a, e abrindo ao leitor as vias da sua compreensão. Na visão exterior que da

Cidade atlântica dão os escritores-viajantes, neste caso particular, italianos e franceses, parece poder concluir-se, através dos textos, que o Funchal é retratado, com detalhe, não só de um ponto de vista geográfico dos lugares, como também da realidade histórico-cultural, onde se tecem juízos críticos acerca do quotidiano e dos hábitos do povo.